



<https://periodicos.ufop.br/virtualia-journal>

Editor responsável: Prof. Dr. Rodrigo Cid

Reflexões antropológicas maquiavelianas: A correlação entre política e verdade efetiva

Railson da Silva Barboza

 <https://orcid.org/0000-0002-5141-1980>

 <https://lattes.cnpq.br/0314479938279619>

railson_barboza@yahoo.it.

Resumo: Buscando ser fiel ao pensamento maquiaveliano, procura-se identificar os pilares da sua teoria moral e política, levando em consideração suas referências históricas, conceitos e análises. Ao contemplar a filosofia contida nos escritos de Maquiavel, não podemos deixar de lado seus conceitos trabalhados e o contexto histórico pelo qual ele está inserido e fala. O rompimento com o conceito medieval de ética, vinculado aos dogmas da fé cristã, é superado por outro modelo na teoria de Maquiavel, alterando significativamente o conceito de agir moral. O novo modelo de virtude, denominado *virtù*, *pari passo a fortuna*, são os instrumentos desenvolvidos pelo autor capazes de transformar a realidade mediante a ação política efetiva. Assim, pretende-se realizar uma leitura crítica dos fatos e das consequências trazidas pelo pensamento do autor, bem como a originalidade desta para explicar o cenário de conflitos políticos. Para isso, as leituras do autor florentino na língua original, italiano, bem como de comentadores como Fabio Frosini, serão decisivas para desenvolvermos os temas propostos.

Palavras-chave: Maquiavel; Pensamento; Filosofia.

Abstract: Seeking to be faithful to the Machiavellian thought, one seeks to identify the pillars of its moral and political theory, taking into account its historical references, concepts and analyses. When contemplating the philosophy contained in Machiavelli's writings, we cannot leave aside his worked concepts and the historical context by which he is inserted and speaks. The break with the medieval concept of ethics, linked to the dogmas of the Christian faith, is surpassed by another model in Machiavelli's theory, significantly altering the concept of moral action. The new model of virtue, called *virtù*, *pari passo a fortuna*, are the instruments developed by the author capable of transforming reality through effective political action. Thus, it is

.....

intended to carry out a critical reading of the facts and consequences brought by the author's thought, as well as the originality of this to explain the scenario of political conflicts. For this, the readings of the Florentine author in the original language, Italian, as well as of commentators such as Fabio Frosini, will be decisive to develop the proposed themes.

Keywords: Machiavelli; Thought; Philosophy;

Introdução

Ao contemplar a filosofia contida nos escritos de Maquiavel, não podemos deixar de lado seus conceitos trabalhados e o contexto histórico pelo qual ele está inserido e fala. Quando entendemos o período histórico, as disputas e regimes políticos daquela época, temos maior compreensão das ideias trabalhadas pelo autor bem como elas se tornam originais e referenciais ao passar do tempo. Como fora dito, é bom que se entenda qual o tempo histórico do autor, seu contexto histórico, pois à partir dele vamos compreender os temas eixos centrais de sua teoria política, que permeiam sua obra, simbolizando a luta perene entre o homem e a ação e os acontecimentos imponderáveis do orbe político (Barros, 2014, p.52). Maquiavel trabalha com a noção derivada da palavra homem, virtude, e a partir dela vamos entender sua relação com os acontecimentos no mundo por ele analisado. Virtù ou virtude em português, derivado do latim vir, significa homem. Portanto, para

Maquiavel virtù é algo ligado a valor, capacidade, determinação, coragem, garra. Vemos portanto que esse valor e capacidade não tem ligação com a virtude cristã, ou qualquer valor que transcenda o homem, tendo em vista o resultado e o sucesso obtido no final. O verdadeiro vir se caracterizaria por sua firme convicção de

.....

.....

que, para alcançar os fins da honra e da glória, é preciso se conduzir sempre da maneira mais virtuosa possível (Skinner, 2012, p.53). Virtú, ou a ação virtuosa não consiste, de modo algum, em agir segundo uma ideia abstrata de bem, desinteressando-se de suas repercussões práticas (Do Amaral, 2012, p.33). É importante frisar que Maquiavel dava mais importância à ética pagã, pois visava a autopreservação, que a ética cristã que segundo ele, era uma ética hipócrita fundada no sacrifício. Através dessa virtú o governante tem a capacidade de controlar as ocasiões que lhe são propostas dentro de sua história, no governo.

Nesse trabalho, buscamos ir além da originalidade do pensamento de Maquiavel e entender quem foi esse filósofo que ainda é sinônimo de “mal”, e qual essência da sua originalidade gera a fama de imoralidade nas ações.

1. A originalidade de Maquiavel

A concepção sobre política, ao longo dos tempos, sofre alterações significativas em seu entendimento prático e teórico. Na Renascença, período histórico em que Maquiavel desenvolve suas características de pensamento, há um importante rompimento com o pensamento medieval sobre as relações políticas. O homem muda brutalmente de coadjuvante nas relações interpessoais, no seio da política, se torna o protagonista e motor das transformações que acontecem na política. Aí está a grande novidade da política na Renascença, e protagonizada por Maquiavel: pensar a política não como um material abstrato, resultado de uma análise metafísica sobre o objeto pensado, mas como um jogo de interesse, prático, real, em que os homens são

.....

.....

participes e autores. Ou seja, começa-se a pensar a política como ela é de fato, e não como ela deveria ser.

Maquiavel foi o intérprete político de uma era, para a Itália, rica em dramaticidade e noturnas conspirações, constituídas por mudanças significativas em suas formas de governo, bem como pela constante alterações de líderes. Maurizio Viroli credits essa singularidade de Nicolau na análise das relações humanas na política ao seu convívio social, à sua vida pública, onde aprendeu nas ruas, praças, igrejas, bancos e tabernas, que faziam de Florença uma escola esplêndida e árdua, única no mundo. (Barboza, 2025, p.37)

Segundo Frosini (2001), ao trazer aspectos essenciais do pensamento político, a originalidade do pensamento de Maquiavel se desenvolve por dois caminhos: enquanto trabalha um entendimento novo sobre a política levando em conta o cenário do período Moderno, ele não exclui totalmente a concepção medieval da política. Isso, deve-se ao próprio ambiente em que Maquiavel está inserido, ou seja, na realidade de Firenze, em que as virtudes humanas e civis são exaltadas à luz dos pensamentos filosóficos clássicos.

(...) Machiavelli si distacca già grazie al proprio ambiente di provenienza: dietro di lui c'è tutta la tradizione fiorentina quattrocentesca del cancellierato civile, dell'umanesimo che nella sua linea dominante aveva recuperato Aristotele, in parte anche Epicuro, ma soprattutto uno stoicismo eclettico, riletto nell'adattamento del ciceroniano *De Officiis*, come base orientative di una nuova autonomia sul terreno della vita pubblica. [1] (Frosini, 2001, p.15)

Essa perspectiva adotada pelo filósofo florentino, no qual as habilidades políticas do sujeito (ou príncipe, usando seu vocabulário) não estão fundadas em princípios morais e éticos ligados ao pensamento medieval, em que as relações eram sedimentadas na religiosidade, e por isso há um rompimento com a tradição ética aristotélico-escolástico. Esse rompimento gera uma repulsa, estimulada pelo

.....

.....

pensamento escolástico difundido no senso comum, tratando como perigoso o pensamento de Maquiavel. A difundida ideia de que a periculosidade do pensamento maquiaveliano está em organizar e legitimar ações de índole audaciosas, na prática política (e por isso ser estigmatizado como teórico do mal), não expressa o real valor da sua teoria. A validade de sua teoria reside no fato de desnudar o absolutismo da essência política moderna, que não tolera outras esferas foras de si mesma, ou seja, nenhuma esfera superior, seja ela Deus, a Moral, a Ética, rege as disputas internas de ego e de poder, caracterizando-a como uma ciência à partir de sua análise factual.

Em Frosini (2001), partimos na análise de que o maquiavelismo indubitavelmente dá instrumentos para que o sujeito esteja pronto para enfrentar as ocasiões, que lhe são impostas, o que torna esse pensamento ainda mais original, sendo ela *“la capacità di non indietreggiare davanti a nessun abismo - vera caratteristica originale di Machiavelli”* [2] (p.17). Bom, mas em quê consiste a “ocasião”, propriamente citada pelo autor florentino e que seria o “lugar de prova” onde o príncipe seria testado? Historicamente, a representação da sorte residia na figura da deusa Fortuna, na Roma Antiga, representada em algumas situações por uma mulher sobre uma roda, símbolo da mutabilidade das ocasiões. A deusa beneficiava os homens de virtù com glória, honra e poder de acordo com seus méritos conquistados, e agia com severidade punindo os homens de pouca virtù, os covardes e fracos. Virtù e fortuna são conceitos trabalhados por Maquiavel para definir quais atitude o governante deve ter diante de alguma especificidade, e por isso a fortuna não deve ser vista como um obstáculo indesejável, mas sim um estímulo para continuar evoluindo e vencendo, conquistando gradativamente poder e prestígio. A magnitude

.....

.....

do príncipe está condicionada à sua vitória e sucesso, e ela só vem com o aprimoramento da virtù e a astúcia em controlar as ocasiões, a sorte, a fortuna.

Sanza dubio e' principi diventano grandi quando superano le difficoltà e le opposizioni che sono fatte loro; e però la fortuna, (...) gli fa nascere de' nimici e fagli fare delle imprese contro acciò che quello abbi cagione di superarle e, su per quella scala che gli hanno porta li inimici suoi, salire più alto. [3] (Maquiavel, 2017, Capítulo XX, p.222).

Nota-se que Maquiavel reitera a necessidade do príncipe em agir astuciosamente no que diz respeito a antecipação das possibilidades, das ocasiões, da mutabilidade que é o cenário político. Entretanto, não recai na fortuna a culpa magna da ruína ou instabilidade que o governante estará diante, mas sim da sua pouca virtù. No capítulo XXIV do Príncipe, onde procura-se entender o motivo pelo qual os príncipes italianos perderam seus reinos, o autor florentino não poupa críticas àqueles que por indolência enfraquecem seu território, e reafirma o que se precisa para estabilizar suas defesas.

Pertanto questi nostri principi, e' quali erano stati molti anni nel loro principato, per averlo di poi perso, non accusino la fortuna, ma la ignavia loro: perché, non avendo mai ne' tempi quieti pensato ch'è possino mutarsi, (...), quando poi vengono e' tempi avversi, pensarono a fuggirsi non a defendersi. (...) E quelle difese solamente sono buone, sono certe, sono durabili, che dipendono da te proprio e da la virtù tua. [4] (Maquiavel, 2017, Capítulo XXIV, pp. 242-243).

As ideias de virtù e fortuna trazidas pelo autor ganham validade no campo prático da relação entre os sujeitos, no ambiente político, revelando sua desvinculação com a inércia teórica que muitos autores anteriores desenvolveram. Segundo Paulo Costa (2015), ao se distanciar dessa tradição moral (sobretudo, cristã), Maquiavel apresenta uma nova concepção sobre o papel da força na política, no que diz respeito aos principados novos, ditados pela lógica da conquista-conservação,

.....

.....

uma nova concepção sobre o papel da força na política, e seu divórcio com as preceitos morais (p.92). Por outro lado, Ames (2002) aponta para duas maneiras em que Maquiavel se utiliza da religião para conservação da realização política:

Por um lado, a religião é um instrumento político, um meio pelo qual o governante prudente pode realizar, em nome de Deus, coisas extraordinárias e inabituais indispensáveis à continuidade no tempo do domínio político; de outro lado, porém, ela é também a vida profunda de um povo, seus bons costumes e sua educação política e moral (p. 198).

A efetividade das ações se dá através da vida política, com base nos exemplos de figuras históricas, desenvolvendo uma noção autônoma e prática do que é a política, menos importada com um modelo a seguir. Resumidamente, a consequência do desenvolvimento teórico de Maquiavel na prática é: “importa o que é de fato” na política, e não “o como deveria ser” na política.

(...) La “conseguenza” della posizione fondamentale del Machiavelli: la necessità di ridefinire il catalogo dei vizi e delle virtù “su altra base” che non sia quella di definizione “prodecenti” l’azione, e questo in un duplice senso: nel senso di definizioni che provengano da un’altra sfera, che non sia la politica (la religione, la morale); e in quello di definizioni, di categorie, che, pur essendo dettate sul terreno della politica, siano loro volta poste, nei confronti dell’azione, in una relazione di trascendenza e di apriorità. [5] (Frosini, 2011, p.15).

A consequência da postura fundamental, apontada por Frosini, transcende a historicidade, sua atemporalidade ganha movimento e se adequa às particularidades de cada contexto histórico. Assim, o método de Maquiavel se torna possível de utilização nos ambientes, pois há uma única “fórmula” que possa pôr em prática: a efetividade das ações mediante os meios disponíveis. Ou seja, o sujeito se utiliza dos meios para alcançar seus objetivos, sendo eles válidos pela eficiência na conquista. E isso é possível a todos, independente da sua historicidade ou contexto político.

.....

.....

2. Um instrumento manipulável: a Prudência

A prudência foi decisiva em muitos séculos na reflexão filosófica e ética no mundo helênico, romano, e pelos demais tempos históricos, sendo um tema presente e discutido desde os primeiros filósofos, passando pela história romana, modernidade, e analisado por muitos outros pensadores. O que seria prudência? Segundo Cícero, em seu tratado sobre a juventude, a prudência é o conhecimento do que é bom e daquilo que é mau. É a inteligência que faz compreender o presente; a previsão, o que permite conhecer a realização de uma coisa antes que aconteça¹. A prudência, portanto, é uma capacidade de reconhecer e entender um acontecimento passado, na visão do presente, tendo uma visão do que irá acontecer posteriormente, possibilitando um juízo honesto de acordo com uma finalidade justa e virtuosa. Assim, a prudência tem responsabilidade nas escolhas, nas ações. A prudência é uma das qualidades primordiais dos homens, pois orienta e a ação através da análise racional, conduzindo à um fim. A análise da história, dos acontecimentos são essenciais para que se possa ter uma escolha e um agir prudente.

A partir da perspectiva de Railson Barboza (2025), observamos que a prudência deve nortear todas as ações dos indivíduos, constituindo-se como elemento fundamental para o discernimento das ações.

Categoricamente podemos definir a prudência como o ato de pensar nas consequências de suas decisões antes de realizar qualquer tipo de ação. A prudência, por vezes, tem o dever de frear as paixões dominantes no sujeito, que instigam ações impensadas e inconsequentes, resultando em perdas e atitudes irreparáveis. É mister nas relações que envolvem poder refletir e conhecer cada passo

¹ Cf. CICERO, Marco Tulio. *De Inventione*, II, 160.

.....

.....

a ser tomado, tendo em vista as inúmeras possibilidades que surgirão daquela atitude. (Barboza, 2025, p.74)

Na visão de Maquiavel, a prudência ganha lugar de destaque, pois é uma qualidade necessária no agir político. O príncipe deve ter prudência em sua ação, no seu agir, de acordo com as experiências por ele obtidas, pelo conhecimento das ações já cometidas por outros. Maquiavel em sua carta de recomendação d'O Príncipe à Lourenço de Médici, descreve sua prudência ao oferecer seu conhecimento das ações dos grandes homens, apreendidos por ele, com uma longa experiência das coisas modernas e a constante lição das mesmas.

Ma quanto allo esercizio della mente, debbe el principe leggere le istorie e in quelle considerare le azioni delli uomini eccellenti, vedere come si sono governati nelle guerre, esaminare le cagioni della vittorie e perdite loro, per potere queste fuggire e quelle imitare; e soprattutto fare come ha fatto per lo addreto qualche uomo eccellente che ha preso a imitare se alcuno, innanzi a lui, è stato laudato e gloriato, di quello ha tenuto sempre e' gesti e azioni presso di sè: come si dice che Alessandro Magno imitava Achille; Cesare, Alessandro; Scipione, Ciro. [6] (Maquiavel, 2017, Capítulo XIV, p.180).

Essa habilidade do príncipe abre várias possibilidades para um exame mais criterioso da política e de sua ação. A interpretação da realidade, bem como sua execução dependem exclusivamente da habilidade do príncipe, de sua capacidade e inteligência para averiguar e agir segundo aquilo que é adequado na situação pedida. Em Maquiavel, essa inteligência e perspicácia está ligada à capacidade de formular um juízo prático rápido, de identificar um problema logo no seu início, de prever através da análise da situação os efeitos posteriores de determinado ato.

(...) quello che tutti e' principi savi debbono fare: e' quali non solamente hanno ad avere riguardo alli scandali presenti, ma a' futuri, e a quelli con ogni industria ovviare; perché, prevedendosi discosto, vi si rimedia facilmente, ma, aspettando che ti si apprezzino, la

.....

.....

medicina non è a tempo, perché la malattia è diventata incurabile. [7]
(Maquiavel, 2017, Capítulo III, p.102)

Percebe-se que a palavra “scandoli” é literalmente “escândalos” na língua italiana, em muitas traduções da obra “O Príncipe” para o português é substituída, e consequentemente outros significados são desenvolvidos, alguns diferentes do que na língua original era exprimida. Traduções com “diferenças”, “distúrbios” no lugar de “escândalos” desidratam o sentido de imprudência que uma ação destemperada proporciona sem a devida prudência, ou seja, é importante que se mantenha o sentido original da obra, levando-se em conta o significado de cada palavra escrita.

Diante disso, percebe-se que a prudência, em Maquiavel, não tem apenas uma dimensão teórica, especulativa, mas é inteiramente ligada à ação. Reduzir à prudência à mera reflexão é reduzi-la ao cálculo, pois como na estratégia, necessário que primeiro se reflita, se estude, para assim expressar determinado juízo e ação. A prudência jamais pode ser prescindida pela opinião pública, mesmo não deve se preocupar-se com a má fama de cruel para manter seus súditos unidos e fiéis² e não deve lamentar se incorrer na fama de miserável, para não ter de roubar seus súditos, para poder defender-se, para não se tornar pobre e desprezado³. Ela reduz à reflexão, ao processo de ajuizamento, mas envolve também a escolha de estratégias adequadas de composição textual e de expressão. O príncipe deve ser cauteloso na análise de sua ação, pois deve proceder com prudência e humanidade, de modo que a excessiva confiança não o faça incauto e que a excessiva desconfiança não o torne intolerável⁴, sendo assim um homem equilibrado. Esse equilíbrio gerado através das ações prudentes farão que o príncipe tenha uma relação de confiança com seus súditos,

² Cf. Maquiavel, 2012, p. 127

³ Cf. Maquiavel, 2012, p. 124

⁴ Cf. Maquiavel, 2012, p. 127

.....

.....

podendo utilizar da máxima aristotélica *virtus in medium est*⁵, não sendo “meio termo”, mas sim verdadeiro amigo ou verdadeiro inimigo; isto é, quando, sem medo, se revela a favor ou contra alguém⁶.

A prudência auxilia na decisão, na escolha, não tendo apenas uma dimensão teórica, especulativa, mas ligada à ação prática. Ela é a balança que pondera as possibilidades, trazendo a reflexão para assim determinar um juízo e ação. (...) A prudência guia as escolhas e sabe discernir qual a melhor decisão a ser tomada. (Barboza, 2025, p.77)

A prudência, podemos dizer, é um dos desdobramentos da ação virtuosa da virtù. O líder que tem como pretensão ser um homem de virtù, além de ter o discernimento de como agir em determinadas situações e circunstâncias, de acordo com a prudência, também deve se utilizar das armas. Para o florentino as armas são instrumentos essenciais para aqueles que querem ter ações de sucesso no tempo, na circunstância, porque somente a resistência armada é capaz de se sobrepor no tempo. Assim, Maquiavel descreve a importância da utilização de um exército, além da prudência, para aquele que pretender tomar o poder ou mantê-lo⁷.

E' principali fondamenti che abbino tutti li stali, così nuovi come vecchi o misti, sono le buone legge e le buone arme: e perché e' non può essere buone legge dove non sono buone arme, e dove sono buone arme conviene sieno buone legge, io lascerò indietro el ragionare delle legge e parlerò delle arme. [8] (Maquiavel, Capítulo XII, p.164)

Pode-se dizer que Maquiavel põe o homem como controlador de seu próprio futuro, de seu destino, e só estará preso ao erro, às suas limitações, na medida em que não se utiliza bem de sua virtù. O homem só depende da sua ação para construir com sucesso o seu futuro, de acordo com aquilo que foi planejado para sua finalidade.

⁵ A virtude está na justa medida” - Tradução nossa.

⁶ Cf. Maquiavel, 2012, p. 155

⁷ “Os vários tipos de exércitos e as milícias mercenárias” - Tradução de Leda Beck

.....

.....

Quando o homem utiliza bem sua virtù ele tem o poder de controlar as adversidades postas pela fortuna, pelas circunstâncias. Para o escritor florentino, o destino do homem é totalmente vinculado às suas ações, no seu agir no tempo. Não há influência externa que possa destruir aquele que utiliza-se bem de sua virtù, tendo em vista sua qualidade mais eficaz, a prudência. Em Maquiavel o destino do homem está vinculado às suas próprias ações, tendo um poder teórico de cunho imanente. Pela prudência eu utilizo bem minha virtù e posso controlar as circunstâncias e chegar à finalidade preterida.

3. A Verdade Efetiva (ou realidade dos fatos): questão norteadora do pensamento do autor florentino

Na visão do filósofo francês, humanista e católico Jacques Maritain (1882 - 1973), que via em Maquiavel e em suas obras (sobretudo n'O Príncipe), a “racionalização técnica da vida política” (Maritain, 1952, p.70) , isto é, o êxito na instrumentalização de um sistema racional pelo qual os homens mais frequentemente se comportam de fato, no meio político, submetendo esse comportamento à uma simples forma artística e à regras de arte, transformando o conceito de boa política em sinônimo de política amoral, mas bem sucedida. A arte de conquistar (prudência), de conservar o poder (virtù) por todos os meios (ética laica) – mesmo por bons meios, quando a oportunidade se oferece, o que para Maritain, não é frequente – com a única condição de que sirvam para alcançar êxito (Maritain, 1952) . A amoralidade política, desenvolvida à partir deste pensamento de Maquiavel, se desdobra na ética, na inversão de valores, sendo base para muitas crises posteriores e que hoje vemos em nossa sociedade.

.....

.....

Nos livros *Humanismo Integral* e *O Homem e o Estado*, o filósofo francês critica indiretamente o maquiavelismo ao reprovar o emprego de meios imorais na política, mas é no ensaio *La fin du Machiavélisme*, presente no livro *Principes d'une Politique Humaniste*, que Maritain faz uma crítica direta à Maquiavel e a seus seguidores: “o maquiavelismo é ilusão porque repousa no poder do mal, e porque, metafisicamente, o mal, como tal, não tem o poder para causar o ser; praticamente, o mal não tem o poder para causar qualquer realização durável”. (Maritain, 1944, p.228).

Mas o que motiva a escolha por um caminho sem bases morais? A grande força do Maquiavelismo vem do resultado “positivo” das vitórias obtidas, dos projetos concluídos pelos meios ilícitos nas manifestações políticas da humanidade, segundo a ótica do humanista francês. Todavia, ao pensar a ação política por suas características práticas e como elas se desenvolvem na realidade, Maquiavel traz a tona uma questão: será que o bem será de fato algo integralmente benéfico e o mal sempre algo totalmente prejudicial? Há exceção?

Na leitura de Frosini (2001) sobre a realidade, neste caso a sociedade e suas relações inter-humanas e pessoais, vemos que o autor destrincha essa possibilidade de não haver certeza de uma “ligação” entre ações boas serem totalmente benéficas e ações más serem estritamente ruins. A efetiva valoração das ações não são pré estabelecidas categoricamente, segundo essa visão, mas sim pelas suas ações concretas que serão conhecidas a partir da realização dos fatos. Os velhos critérios de valoração das ações e objetos, embasados sobretudo por uma premissa universalista platônica, são desconstruídas por uma análise das relações no âmbito social (e político), priorizando a observação prática das ações. Assim, pensar nos conceitos de “mal” e “bem”, “maldade” e “bondade” deixam de ter um valor transcendental e universal para se tornar algo subjetivo e concreto.

.....

.....

Noi possiamo desiderare e immaginare una realtà, in cui il bene sia sempre bene, e il male sia sempre male, in cui anzi il bene vinca e trionfi, in cui insomma sia possibile e dunque necessario dare giudizi sui fatti particolare sulla base di criteri stabili e universalmente validi; ma così non è, e ciò che invece dobbiamo nei fatti riconoscere è la relatività dei nostri criteri di giudizi, il rovesciarsi di un valore nel suo contrario, la strutturale non-chiarezza di ciò che ci si para solitamente dinnanzi. [9] (Frosini, 2001, p.59)

Em Maquiavel vemos que as lições extraídas das relações políticas e interpessoais sobrepõem-se às teorizações abstratas que são derivadas de conceituações idealistas. A observação empírica das relações de poder na vida política proporcionou o afastamento das discussões metafísicas carregadas de medievalismos, característica inovadora do pensamento do autor florentino. Segundo Vinícius Barros (2014), ao debruçar sua análise sobre a verdade efetiva das ações, é pela experiência que Maquiavel compreende os acontecimentos, tendo direito e autoridade na demonstração dos exemplos e nos termos utilizados em sua obra. Experiência essa constantemente alimentada pelo conhecimento e pela leitura dos clássicos, tendo-os como referência nas ações; servindo-se da leitura como guia dos seus passos em meio às turbulências e contratempos; e o principal: esperando adquirir a sabedoria necessária para que, durante os acontecimentos dos fatos se escolha a melhor forma de agir, tendo em vista os percalços que podem acometer o líder. Essa análise prática desvela as reais ações dos indivíduos quando estes estão na disputa política, imersos num jogo de interesses, capazes de fazer qualquer coisa para alcançar aquilo que desejam. Para alguns leitores a verdade nua e crua das relações políticas ,descrita por Maquiavel, choca.

É costume sentir-se a gente chocado por ele, e não há dúvida de que, às vezes, ele é realmente chocante. Mas muito outros homens também o seriam, se fossem igualmente livres de hipocrisia. Sua filosofia

.....

.....

política é científica e empírica, baseada em sua própria experiência dos assuntos, preocupada em declarar os meios de se chegar a determinados fins, sem se preocupar de saber se tais meios são considerados bons ou maus. (Russerl, 1968, p.20)

4. Considerações Finais

Pela leitura dos principais temas desenvolvidos por Maquiavel, e de seus comentadores, nota-se transformações sobre campos importantes do agir humano, bem como sua compreensão nas relações públicas. Pela ótica do humanismo francês de Jacques Maritain, o autor Florentino consegue manusear um sistema racional, tendo como premissa o modo pelo qual todos os homens são propensos a agirem no meio político e público, construindo um comportamento subordinado a uma simples forma artística e a regras de arte, transformando o conceito de boa política em sinônimo de política amoral, mas bem sucedida. A arte de conquistar (prudência), de conservar o poder (*virtù*) por todos os meios (ética laica) – mesmo por bons meios, quando a oportunidade se oferece o que para Maritain, não é frequente – com a única condição de que sirvam para alcançar êxito. Portanto, a grande força do Maquiavelismo vem do resultado “positivo” das vitórias obtidas, dos projetos concluídos pelos meios ilícitos nas manifestações políticas da humanidade. Na prática, os homens não deixam de se utilizar dos meios maquiavélicos, especialmente no que tange a prática política, pois por sentimentos de vaidade, poder, ganância, são impulsionados a agirem assim. Podemos dizer que, pensando guiar os passos dos grandes na política, Maquiavel estabelece, não diretamente, uma “teoria das virtudes”, não como Aristóteles ou Platão, mas a partir da observação empírica do *modus operandi* da vida política e à partir das ações humanas.

.....

.....

Desse modo, quais seriam as qualidades ou virtudes principais que auxiliariam o sujeito nessa empreitada rumo à liderança segura? São elas: prudência, fortaleza, justiça, coragem e sabedoria. Todas desvelam a vida de um homem de Estado, que é caracterizada por inúmeras decisões e desafios difíceis em seu cotidiano. (Barboza, 2025, p.73)

O “dever ser” político pregado por diversas filosóficas mais tradicionais, que segundo Barros (2014), é invertido pela necessidade política em sustentar e manter a ordem do Estado, através do que o autor chama de desígnios reais (da verdade efetiva). Assim, a política moderna com Maquiavel inaugura um *modus vivendi* nas relações humanas, em que a necessidade guia as ações independentemente do seu valor ético. Com isso, “os fenômenos políticos obedecem às suas próprias leis” e “dessa forma convém escrever algo de utilidade pública, fruto da honestidade observacional que cerca a atividade do cientista” (p.39). Sua honestidade empírica sobrepõe-se ao ideário utópico do Estado, movidos por abstrações éticas e morais, aspecto revolucionário do pensamento moderno de Maquiavel. Sobre o autor, destaca Diogo Freitas do Amaral (1999, p.200-201):

“(...) é assim um inovador e, à sua maneira, um revolucionário: ele é, sem dúvida, o primeiro analisar moderno do poder”. Ou, como alguém já chamou, “o Cristóvão Colombo da política”, pois descobre um mundo novo - o da política tal como ela é, e não como ela deveria ser.

Enquanto o senso comum pairar na ideia de que Maquiavel é somente sinônimo de imoralidade, diferente de uma compreensão ampla de que ele é o pioneiro a observar os acontecimentos reais das relações humanas, continuaremos limitando sua belíssima contribuição, dando continuidade à hipocrisia de que o homem não é egoísta, não é interesseiro, não é vaidoso. Inserido na arte política, o

.....

.....

homem é movido pelo seu próprio ego no intuito de se autopreservar, tendo em vista o jogo de interesses de múltiplos atores participantes.

Referências

AMARAL, Diogo Freitas do. *História das ideias políticas*. Volume I. Coimbra: Almedina. 1999.

AMES, José Luiz. *Maquiavel: A Lógica da Ação Política*. Editora Edunioeste. Cascavel, 2002.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. *Maquiavel: a lógica da força*. 1ª Edição, Editora Moderna, São Paulo, 1993.

BARBOZA, Railson. *O mínimo sobre Maquiavel*. 1ª Edição, Campinas - SP, O Mínimo, 2025.

BARROS, Vinícius Soares de Campos. *10 lições sobre Maquiavel*. 6ª Edição, Petrópolis-RJ, Editora Vozes, 2014.

CICERO, Marco Tulio. *De Inventione*, II, 160.

COSTA, Paulo H. Política, força e virtù em Maquiavel. *Griot: Revista de Filosofia*. Volume XI, nº 1. Amargosa-BA, 2015.

DO AMARAL, Márcia. Ensaio Filosófico. *Revista Ensaio Filosófico*, Volume VI, nº1, Rio de Janeiro, 2012.

FROSINI, Fabio. *Contingenza e Verità della Politica: due studi su Machiavelli*. Edizioni Kappa. Roma, 2001.

MAQUIAVEL, Nicolau. *O Príncipe*. Edição Bilíngue. Tradução, Introdução e Notas de Diogo Pires Aurélio. 1ª Edição. Editora 34. São Paulo, 2017.

_____. *O Príncipe*. Tradução e notas Leda Beck; Coleção a obra-prima de cada autor, Editora Martin Claret, São Paulo, 2012.

MARITAIN, Jacques. *Principles d'une Politique Humaniste*. Nova Iorque, Éditions de La Maison Française, 1944.

.....

.....

_____. *Humanismo Integral*. Tradução de Afrânio Coutinho. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1942.

_____. *O Homem e o Estado*. Tradução de Alceu Amoroso Lima, 1ª. Edição, Rio de Janeiro, Editora Agir, 1952.

RUSSERL, Bertrand. *História da Filosofia Ocidental*. Livro III. 3ª edição. Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1968.

SKINNER, Quentin. *Maquiavel*. Tradução de Denise Bottmann. Coleção L&PM POCKET, vol. 896, Editora LPM, Porto Alegre, 2012.

VIROLI, Maurizio. *O sorriso de Nicolau: História de Maquiavel*. Tradução de Valéria Pereira da Silva. São Paulo: Estação da Liberdade, 2002

Apêndice

[1] “Maquiavel já se destaca graças ao seu próprio ambiente de origem: por trás dele está toda a tradição florentina do século XV, da chancelaria civil, do humanismo que em sua linha dominante havia recuperado Aristóteles, em parte também Epicuro, mas acima de tudo um estoicismo eclético, reinterpretado na adaptação de Ciceroniana De Officiis, como base norteadora de uma nova autonomia no campo da vida pública”.

[2] “A capacidade de não recuar-se diante de nenhum abismo - característica verdadeiramente original de Maquiavel”.

[3] “Sem dúvida, os príncipes se tornam grandes quando superam as dificuldades e oposições que lhes são feitas; mas a sorte, (...)criará inimigos fará com quem ataque tal príncipe, de modo que ele tenha ocasião para superá-los e, pela escada que os seus inimigos lhe trouxeram, subir mais alto”.

.....

.....

[4] “Portanto, estes nossos príncipes, que estavam por muitos anos em seus principados, que não acusem a sorte por tê-la perdido, mas a própria inépcia. Porque não tendo pensado que os tempos de paz podem mudar, (...) quando, depois, vieram os tempos adversos, pensaram só em fugir e não em se defender. (...) E as únicas defesas que são boas, que são certas, que são duráveis são as que dependem de ti mesmo e do teu valor”.

[5] (...) “A ‘consequência’ da posição fundamental de Maquiavel: a necessidade de redefinir o catálogo sobre vícios e virtudes, ‘em outra base’ que não seja ‘precedendo’ a ação, e isso em um duplo sentido : no sentido de definições que vêm de outra esfera, além da política (religião, moral); e nas definições, nas categorias que, embora ditadas no campo da política, são colocadas, por sua vez, em relação à ação, em uma relação de transcendência e prioridade”

[6] “Quanto ao exercício da mente, deve o príncipe ler livros de história, refletir sobre os atos dos grandes homens. Ver como foram conduzidas as guerras, examinar os motivos de suas vitórias e derrotas para destas fugir e imitar as primeiras. Sobretudo, fazer como já fizeram alguns grandes homens que tomaram como modelo alguém que, antes dele, tenha sido louvado e glorificado, mantendo sempre em mente suas proezas e ações. Diz-se que Alexandre o Grande imitava Aquiles; César imitava Alexandre; Cipião, Ciro”.

[7] “(...) O que todos os príncipes sábios devem fazer: não só devem considerar as diferenças presentes como também as futuras, para assim preveni-las com todos os meios. Porque, prevendo à distância, facilmente pode-se remediar, mas, se esperar que se apresentem, o remédio não é dado na hora certa, a doença tornou-se incurável”.

.....

.....

[8] “As fundações principais para todos os Estados, sejam novos, velhos ou mistos, são as boas leis e um bom exército. Como não pode haver boas leis onde não há um bom exército, e onde haja um bom exército é conveniente que haja boas leis, deixarei para depois as reflexões sobre as leis e falarei dos exércitos”.

[9] “Podemos desejar e imaginar uma realidade, na qual o bem é sempre bom, e o mal é sempre ruim, no qual de fato o bem vence e triunfa, no qual, em suma, é possível e, portanto, necessário fazer julgamentos sobre fatos específicos com base em critérios estáveis e universalmente válidos; mas não é esse o caso, e o que devemos realmente reconhecer é a relatividade de nossos critérios de julgamento, a inversão de um valor ao contrário, a não clareza estrutural do que geralmente é visto diante de nós”.

.....